

PODER

Protocolada na Câmara com mais assinaturas do que o necessário, proposta busca mudar o sistema de governo para um modelo que dá mais poder ao Congresso

Kayo Magalhães/Câmara dos Deputados



O presidente da Câmara, Hugo Motta, é um dos signatários da proposta de emenda à Constituição, que recebeu o apoio de 181 parlamentares

Avança PEC para instituir o semipresidencialismo

» VANILSON OLIVEIRA

O deputado federal Luiz Carlos Hauly (Podemos-PR) conseguiu reunir o número necessário de assinaturas e protocolou ontem, na Câmara, a Proposta de Emenda à Constituição (PEC) do Semipresidencialismo. O texto, também de autoria do deputado Lafayette Andrade (Republicanos-MG), obteve o apoio de 181 parlamentares, superando as 171 assinaturas mínimas exigidas para dar início à tramitação.

A proposta ganhou força após a eleição de Hugo Motta (Republicanos-PB) para a Presidência da Câmara, já que ele se mostrou favorável ao debate sobre mudanças no sistema de governo. Durante a gestão de Arthur Lira (PP-AL) à frente da Casa, um grupo de trabalho chegou a ser criado para discutir alternativas ao modelo presidencialista.

A maior parte dos parlamentares que assinaram a proposta pertence ao Centrão. O

Saiba mais

Poderes divididos

O semipresidencialismo é um modelo alternativo ao presidencialismo que vigora no país. Os exemplos mais famosos de nações semipresidencialistas são Portugal e França. Se aprovado, um presidente da República, eleito pelo voto direto, dividiria poderes com um primeiro-ministro.

O modelo proposto pelo deputado Luiz Carlos Hauly

Republicanos lidera a lista, com 36 assinaturas, seguido pelo União Brasil, com 28. Já o Partido Progressista (PP) contribuiu com 22 assinaturas, o PSD teve a adesão de 16 deputados, e o Partido Liberal (PL), principal legenda de oposição, 33.

O PT está ausente da lista de

(Podemos-PR) dá ao presidente a prerrogativa de nomear o primeiro-ministro, mas, por outro lado, empodera a Câmara, concedendo aos parlamentares mais atribuições para definir o plano de governo e o Orçamento.

O presidente da República mantém as prerrogativas de nomear ministros do Supremo Tribunal Federal (STF) e de tribunais superiores, além de chefes de missão diplomática, presidente e diretores do Banco Central (BC), o procurador-geral da República e o advogado-geral da União.

signatários, mas há adesões do "núcleo duro" da base de sustentação ao governo, como sete assinaturas do PDT e duas do PSB, sigla do vice-presidente Geraldo Alckmin. Além disso, PCdoB e PV, legendas federadas ao PT, registram um apoio, cada.

A PEC aguardará, agora, um

despacho da Presidência da Câmara para ser enviada à Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania (CCJ), que avaliará sua admissibilidade. Caso seja aprovada, será debatida por uma comissão especial, antes de seguir para votação em plenário. No entanto, para ser avalizada na Câmara, precisará de 308 votos, em dois turnos de votação. Caso passe, será enviada ao Senado, onde também necessitará do apoio de três quintos dos senadores, em dois turnos de votação.

Enquanto República, o Brasil já adotou o modelo parlamentarista entre setembro de 1961 e janeiro de 1963. O sistema, adotado como resolução da crise provocada pela renúncia à Presidência de Jânio Quadros, foi descontinuado após um referendo com ampla rejeição ao modelo. Um novo referendo sobre o modelo de governo foi realizado em 1993, no qual o parlamentarismo voltou a ser rejeitado. (Com Agência Estado)

Governo aciona PF e CGU para investigar ONGs

» ISRAEL MEDEIROS

O governo acionou a Polícia Federal e a Controladoria-Geral da União (CGU) para investigar possíveis irregularidades na atuação de organizações não governamentais (ONGs) do programa Cozinha Solidária, em São Paulo. Reportagem de *O Globo* mostrou, ontem, que uma entidade contratada por R\$ 5,6 milhões pelo Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome (MDS) subcontratou organizações ligadas a políticos petistas para entregar marmitas a pessoas em situação de vulnerabilidade social na Zona Sul de São Paulo. As entregas, no entanto, não foram feitas, ou foram apenas parcialmente cumpridas.

O Cozinha Solidária atua em 12 estados e é operado em São Paulo pelo Movimento Organizacional Vencer, Educar e Realizar (Mover Helipa). A entidade é dirigida por José Renato Varjão, que foi assessor do deputado federal Nilto Tatto (PT-SP), de fevereiro de 2021 a janeiro de 2022, e que também assessorou o deputado estadual de São Paulo Ênio Tatto (PT).

Entre as ONGs que teriam sido subcontratadas por Varjão, segundo a reportagem, estaria a Cozinha Solidária Madre Teresa de Calcutá, gerenciada por uma ex-assessora do ex-vereador Arselino Tatto

(PT), que se comprometeu a entregar 4,5 mil refeições por mês a partir de dezembro, mas não cumpriu o combinado.

Outra ONG envolvida é a Cozinha Solidária Instituto Rosa dos Ventos, que, segundo dados da Receita Federal, é presidida por Anderson Clayton Rosa, atualmente assessor de Nilto Tatto.

"Informamos que, imediatamente após o recebimento da denúncia sobre cozinhas solidárias em São Paulo, o ministério acionou a Rede Federal de Fiscalização de programas vinculados ao Cadastro Único, um núcleo que trabalha integrado com CGU, AGU, Polícia Federal e outros órgãos de fiscalização e controle. Tudo com o firme propósito de alcançar os objetivos e a correta aplicação dos recursos públicos", disse o ministro Wellington Dias.

A pasta também defendeu o programa Cozinha Solidária, que teria contribuído, segundo o ministério, para alimentar e qualificar profissionalmente as populações da região da Zona Sul de São Paulo. "Enfatizamos que, em havendo a comprovação de irregularidades, fraude ou desvio, a entidade será descredenciada e sofrerá todas as penalidades previstas em lei, inclusive, com a devolução dos recursos recebidos para aplicação no programa", destacou.



O ministério frisou que as denúncias serão apuradas e defendeu o programa

Oposição vai ao TCU

Integrantes da oposição acionaram o Tribunal de Contas da União (TCU), responsável por fiscalizar os gastos da União. O deputado federal Sanderson (PL-RS) pediu ao tribunal e à Procuradoria-Geral da República (PGR) que investigue possíveis irregularidades. Solicitou, ainda, que o contrato do ministério com a Mover Helipa seja suspenso, inclusive, com o congelamento dos repasses, já que a situação configuraria uma violação dos princípios da administração pública. O partido Novo também acionou o TCU.

O deputado Nilto Tatto enviou ao *Correio* uma nota em que

NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



luizazedo.df@dabr.com.br



Trump assombra o mundo com suas ambições imperiais

Quando assume o governo de Tomainia, Adenoid Hynkel acredita em uma nação puramente ariana e passa a discriminar os judeus. Essa situação é desconhecida por um barbeiro, que está hospitalizado devido à participação em uma guerra. Ao receber alta, mesmo sofrendo de amnésia sobre o que aconteceu, passa a ser perseguido e precisa viver no gueto. Lá, conhece a lavadora Hannah, por quem se apaixona. A vida do barbeiro passa a ser monitorada pela guarda de Hynkel, que tem planos de dominar o mundo. Seu próximo passo é invadir Osterlich, um país vizinho, e para tanto negocia um acordo com Benzino Napaloni, ditador da Bactéria.

Trata-se do roteiro de *O Grande Ditador*, clássico dos clássicos do cinema, uma sátira política de Charles Chaplin, lançado em meio à II Guerra Mundial, no qual o genial diretor interpreta os dois personagens, sem saber do genocídio que o mundo viria a conhecer após a libertação do campo de concentração de Auschwitz pelas tropas soviéticas. Ao realizar o filme, Chaplin ficou tão desconfortável que quase desistiu. Escarneceu do autoritarismo sem se dar conta de que tudo aquilo que procurou mostrar era muito, mas muito pior.

Chaplin satirizou as figuras de Adolf Hitler e Benito Mussolini (no caso, Adenoid Hynkel e Benzino Napaloni, o ditador do país Bactéria). Não perdoou os poderosos ministros Hermann Goering e Joseph Goebbels, que no filme assumem as identidades de Herring e Garbitsch. Hynkel é mostrado como uma criança mimada, que brinca com um globo terrestre, mais ou menos como o novo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, está fazendo.

Como na realidade, homens e mulheres simples e humildes vivem a penúria financeira, a intolerância e a violência de toda sorte. O barbeiro é um alter ego de Carlitos, o vagabundo que sofre para viver em um mundo cheio de maldade e miséria. A lavadora Hannah é a personificação da esperança. Chaplin trouxe para o cinema falado o humor que o consagrou no cinema mudo e nos faz duvidar dos mitos, com suas promessas de salvação e glória eterna, além de azucrinar as paixões políticas cegas e o culto à personalidade.

A perseguição que Trump move às minorias e aos imigrantes latinos e a forma ameaçadora como se impõe ao mundo, rompendo com toda a institucionalidade da economia mundial, acordos comerciais e organismos multilaterais, inclusive, em relação a aliados históricos, assombram as chancelarias. Trump se comporta como um grande conquistador. Ameaça anexar o Canadá, fechou a fronteira com o México, pretende comprar a Groelândia e tomar de volta o Canal do Panamá. Agora, em plena vigência de um acordo entre Israel e Hamas, anuncia um plano para expulsar os palestinos da Faixa de Gaza. Ou seja, algo entre a limpeza étnica ou o puro genocídio.

Os conquistadores

O mundo já viu grandes conquistadores. Alexandre, o Grande (356-323 a.C.), rei da Macedônia, conquistou o Império Persa e expandiu seu domínio da Grécia até a Índia. Júlio César (100-44 a.C.), general e estadista romano, anexou a Gália e pavimentou o caminho para o Império Romano. Genghis Khan (1162-1227) unificou as tribos mongóis e conquistou China, Pérsia e partes da Europa. Tamerlão (1336-1405), fundador do Império Timúrida, anexou grande parte da Ásia Central, Pérsia, Índia e Oriente Médio. Carlos Magno (742-814), rei dos Francos, expandiu seu império pela Europa Ocidental e fundou o Sacro Império Romano-Germânico.

Nos tempos mais modernos, Fernão Cortez (1485-1547), a serviço dos reis de Espanha, conquistou o Império Asteca. Francisco Pizarro (1478-1541) derrotou o Império Inca e expandiu o domínio espanhol na América do Sul. Napoleão Bonaparte (1769-1821) dominou grande parte da Europa. Satirizado por Chaplin, Adolf Hitler dominou a maior parte da Europa e acabou com a Alemanha derrotada e dividida. Todos eram mortais e seus impérios desmoronaram.

Alexandre morreu doente ou envenenado na Babilônia. Júlio César (100-44 a.C.) foi esfaqueado 23 vezes por senadores romanos, incluindo seu sobrinho Brutus. Genghis Khan caiu do cavalo. Tamerlão, de febre, na China. Carlos Magno, de infecção nos pulmões em Aachen (Alemanha). Cortez, de disenteria na Espanha. Pizarro, assassinado por rivais espanhóis em Lima, no Peru. Napoleão, de câncer ou envenenamento, confinado na Ilha de Santa Helena, no meio do Atlântico Sul. Hitler se matou na queda de Berlim. Seu corpo foi carbonizado pelos subordinados e suas cinzas foram espalhadas pelos soviéticos.

Como não lembrar o discurso de Chaplin no final de *O Grande Ditador*: "Lutemos agora para libertar o mundo, abater as fronteiras nacionais, dar fim à ganância, ao ódio e à prepotência. Lutemos por um mundo de razão, um mundo em que a ciência e o progresso conduzam à ventura de todos nós."